



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA

MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA PAULINO

INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIA DE PAISAGEM URBANA E ARQUITETURA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

JOÃO PESSOA-PB

2019

MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA PAULINO


INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIA DE PAISAGEM URBANA E ARQUITETURA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de Curso na modalidade artigo apresentado ao curso de Arquivologia da UFPB para a obtenção do grau de Bacharela.


Orientadora: **Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar C. de Albuquerque**

Aprovada em: 27 / 09 / 2019.


Banca examinadora



Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar C. de Albuquerque
PROFESSORA DCI-UFPB
ORIENTADORA



Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula
PROFESSORA DCI-UFPB
EXAMINADORA



Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro
PROFESSORA DCI-UFPB
EXAMINADORA

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P328i Paulino, Maria da Conceicao Pereira.
Indexação de Fotografia de Paisagem Urbana e
Arquitetura: Relato de Experiência / Maria da Conceicao
Pereira Paulino. - João Pessoa, 2019.
30 f. : il.

Orientação: Maria Elizabeth Baltar C de Albuquerque
Albuquerque.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Fotografia de paisagem urbana e arquitetura. 2.
Representação da Informação. 3. Vocabulário Controlado.
4. Indexação Arquivologia. I. Albuquerque, Maria
Elizabeth Baltar C de Albuquerque. II. Título.

UFPB/CCSA

INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIA DE PAISAGEM URBANA E ARQUITETURA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

(INDEX OF URBAN LANDSCAPE PHOTOGRAPHY AND ARCHITECTURE:
EXPERIENCE REPORT)

Maria da Conceição Pereira Paulino¹

RESUMO

Este estudo discute a representação da informação em fotografias na temática específica de paisagem urbana e arquitetura, em ambientes digitais disponibilizado por meio da internet. O objeto da análise são as práticas de indexação, no que diz respeito ao uso de vocabulário controlado, em três projetos, o Arquigrafia da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU/USP), o projeto de Descrição Arquivística do Arquivo Público de São Paulo (AHSP) e o projeto Rede de Arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) cuja experiência é relatada. É uma pesquisa de cunho bibliográfico e descritivo, pois busca e examina ações que fizeram uso ou não, de vocabulário controlado. Apresenta inicialmente algumas considerações sobre documentos iconográficos do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), e na literatura técnica (NOBRADE, MANUAIS) e teórica acadêmica da área da análise documentária de imagens (LANCASTER, 2004). Relata a prática da indexação nos arquivos, e por fim discorre sobre vocabulário controlado na indexação e seu uso nas fotografias de paisagens urbanas e de arquitetura e os resultados são apresentados na análise comparativa dos projetos selecionados.

Palavras-chaves: Fotografia de paisagem urbana e arquitetura. Representação da Informação. Vocabulário Controlado. Indexação Arquivologia.

ABSTRACT

This study discusses the representation of information in photographs on the specific theme of urban landscape and architecture, in digital environments made available through the internet. The object of the analysis is the indexing practices regarding the use of controlled vocabulary. The analysis is carried out in three projects, the Archigraphy of the Faculty of Architecture of the University of São Paulo (FAU / USP), the Archival Description Project of the Public Archives of São Paulo (AHSP) and the Archives Network project of the Historical Heritage Institute and National Artistic (IPHAN) whose experience is reported. It is a bibliographical and descriptive research, as it searches and examines actions that have used or not, of controlled vocabulary. It initially presents some considerations about iconographic documents of the National Archives Council (CONARQ), and in the technical literature (NOBRADE, MANUAIS) and academic theoretician of the area of documentary image analysis (LANCASTER, 2004). It reports the practice of indexing in archives, and finally discusses controlled vocabulary in indexing and its use in photographs of urban landscapes and architecture and the results are presented in the comparative analysis of the selected projects.

Keywords: Photograph of urban views and architecture. Information Representation. Controlled Vocabulary. Indexing Archivology.

¹ Graduanda no curso de Arquivologia (UFPB)

1 INTRODUÇÃO

O homem é o único ser que representa de forma deliberada seu mundo por meio da arte e das imagens e fez isso gravando-as em variados suportes, seja nas paredes das cavernas, em seus primórdios, até chegar nos mais diversos objetos e artefatos e dentre eles a fotografia. Desde sua criação no século XIX, a fotografia vem se aperfeiçoando e se adaptando a cada década: nas várias formas de captura da imagem, bem como nas técnicas de gravação nos diversos suportes que já teve. A fotografia de fato encantou o mundo, mas também foi alvo de críticas, pois foi uma opção aos retratos pintados e as telas de paisagens naturais ou urbanas, que passaram a ser contempladas também pelos cartões postais.

A fotografia se tornou uma ferramenta de trabalho empregada por várias profissões, tal como o jornalismo, nos serviços estatais de controle social (identificação) e como forma de documentar as mudanças das cidades (obras e demolições), devido a praticidade trazida pela máquina fotográfica para captura de imagens. A versatilidade alcançada com o suporte em papel, acelerou o processo para que a fotografia se tornasse uma das mais eficientes formas de registro da memória, empregada em diversas instituições passou a ser produzido no decorrer de suas atividades e a integrar acervos documentais arquivísticos, tal como demonstram Duarte e Silva (2016), Malverdes e Lopez (2017) e Mondernad (1999), entre tantos outros pesquisadores da fotografia e das suas infindas relações históricas, sociais, culturais e artísticas.

Este estudo é fruto da experiência de trabalho desenvolvida no Projeto Rede de Arquivos² do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o acervo da Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa que geriu a requalificação arquitetônica e urbana de alguns bens edificados do centro de João Pessoa, e também atuou para fortalecer o pedido de tombamento ao IPHAN, fato ocorrido em 2009. O referido acervo possui documentos de diversos gêneros e tipologias (textuais, cartográficos com plantas arquitetônicas e urbanas, gravuras, panfletos e fotografias), e durante o projeto este acervo recebeu tratamento

² Projeto apresentado pelo IPHAN e selecionado no edital do Programa de Preservação de Acervos 2010/2011, do Banco Nacional e Desenvolvimento Social (BNDES).

de higienização, ações de conservação, algumas de restauro, digitalização, descrição e inserção em repositório, disseminando para acesso e uso.

Após conclusão desse trabalho, surgiu a curiosidade de saber mais sobre a recuperação de fotografias de paisagens urbanas e arquitetura, daí a questão: como estão sendo indexadas/descritas as fotografias com essa temática? Uma vez que, como observam Malverdes e Lopez (2017, p. 35) requer uma habilidade especializada, pois “é difícil trabalhar com fotografias da transformação urbana de uma cidade, se não se sabe reconhecer seus espaços, principais construções, comércios ou eventos. É preciso saber situar cada fotografia em seu contexto histórico”.

A curiosidade levou a busca por outros projetos existentes na mesma linha da Rede de Arquivos. O primeiro, o projeto “Arquigrafia” da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU-USP), voltado para a difusão de imagens de arquitetura por meio de uma rede colaborativa. O acervo divulgado na internet pertence a faculdade e foi descrito por profissionais da biblioteca parceira no projeto, mas também é composto por imagens enviadas pelos usuários e descritas pelos mesmos de acordo com os campos indicados.

O segundo projeto é o Descrição Arquivística do Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP), desenvolvido em 2010 devido a participação em um GT de Vocabulário Controlado com objetivo de apoiar os técnicos e usuários da instituição e teve como uso inicial o acervo fotográfico. Vale salientar que antes da elaboração do vocabulário, este acervo fotográfico foi disponibilizado na internet no projeto “Da relíquia ao virtual: Organização do conjunto de fotografias que integram os diversos fundos documentais do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís” por meio da participação no *Programa de apoyo al desarrollo de Archivos Iberoamericanos (ADAI)* de 2007.

Como as imagens das fotografias desta pesquisa são as vistas da cidade, seus logradouros e edificações, o objetivo foi discutir a representação temática do conteúdo da fotografia que envolve os elementos urbanos e arquitetônicos que a compõe. Ou seja, o entendimento aqui é que são os elementos intrínsecos no sentido da composição da imagem fotografada, bem como os demais elementos descritivos da fotografia, que definem a sua recuperação, e, portanto, são destes elementos que devem ser extraídos os termos descritores.

Assim, considerando que o projeto Arquigrafia, fez uso de vocabulário controlado da biblioteca da FAU, que o AHSP elaborou seu vocabulário a partir de tesouros temáticos da área de arte, arquitetura e urbanismo, e que no projeto do IPHAN não se utilizou destes instrumentos, também foi objetivo deste estudo comparar e analisar a forma de indexação destas fotografias nesses projetos, de modo a verificar que elementos visuais presentes nas imagens, e fora dela, foram considerados na atribuição de termos.

Como metodologia procedemos a pesquisa bibliográfica do referencial teórico da área e a literatura técnica (manuais e guias) com objetivo de conhecer as contribuições nesta temática, utilizamos o acervo da Biblioteca Central e da Biblioteca Setorial do CCSA da Universidade Federal da Paraíba (UFPB/CCSA), além de alguns periódicos científicos e repositórios disponíveis na internet. A coleta de informações sobre os projetos selecionados foi realizada em suas respectivas páginas na internet, bem como nas publicações de membros de suas equipes de execução.

Para verificarmos a forma de indexação, selecionamos um (01) exemplo de fotografias em cada projeto, analisamos de forma identificar seus os pontos fortes e fracos. Dessa forma, esse estudo assume características de uma pesquisa descritivo-qualitativa, com inserções explicativas, pois coleta informações sobre os projetos selecionados e as expõe de forma analítica e se justifica por trazer à discussão o desenvolvimento da competência de indexação pelo arquivista e bibliotecário, nas várias temáticas fotográficas existentes.

O referencial teórico deste trabalho se insere na esfera da análise documentária de imagens e precisamente na questão da descrição de fotografias destacamos duas autoras. A primeira, Shatford (1994), desenvolveu uma metodologia de indexação para imagens³, a segunda, Smit (1997), alertou para além do conteúdo informacional da fotografia, inserindo na análise documentária a dimensão expressiva da fotografia, ou seja, não só *o que mostra*, o conteúdo, mas *o como mostra*, a dimensão expressiva (SEMIONATO, 2017).

³ Orienta o agrupamento de imagens em conjuntos e na identificação de atributos (biográficos e históricos como autor, data, local, título) e os atributos de assuntos, referentes ao que ou sobre o que a imagem trata. Segundo a autora estes assuntos podem se enquadrar numa categoria geral (comum a vários documentos do conjunto tratado) ou específico (quando se considera o objeto fotografado), mas sempre considerando a conexão existente da fotografia com outros documentos.

O entendimento da indexação por assuntos foi trabalhado a partir de Lancaster (2004) que fez um rigoroso apanhado dessas e de outros autores, sendo escolhido como melhor livro da Ciência da Informação pela *American Society for Information Science* (ASIS) em 1992⁴, o que justifica esta escolha. As citadas Smit e Shafford são assim referências para muitos estudos, dentre eles destacamos os trabalhos de Maia e Flor (2018), Semionato (2017) Silva e Duarte (2016), Capone e Cordeiro (2016), todas estas serão importantes referências neste trabalho também.

A estrutura desse artigo apresentamos inicialmente algumas considerações sobre documentos iconográficos do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ). Relata o emprego da indexação nos arquivos e aprofundamos o entendimento dessa atividade a partir das normas da área e na literatura teórica acadêmica, com alguns exemplos. Na parte final discorremos sobre a elaboração e uso de vocabulário controlado na indexação e seu uso nas fotografias de paisagens urbanas e de arquitetura e como resultado apresentamos a análise comparada os projetos selecionados.

2 OS DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS NAS AÇÕES DO CONARQ

O tratamento arquivístico da fotografia demanda várias ações, não só no tocante a preservação e conservação, mas também no tratamento da informação para sua recuperação e difusão. Presentes especialmente nos acervos pessoais e de instituições diversas, a fotografia se classifica como documento do gênero iconográfico. Apesar de serem mais comuns encontrá-las em arquivos de empresas e instituições que cuidam da gestão das cidades, as fotografias com a temática urbana ocorrem em outros acervos, devido ao fato da cidade ser nosso ambiente de sociabilidade, onde realizamos nossas práticas sociais. Os acervos que possuem este tipo de fotografias fazem com que o profissional desenvolva uma tarefa de primordial importância que é a representação da informação arquitetônica e urbana imagética, tema que esta pesquisa busca refletir.

⁴ Livro *Indexação e Resumos: Teoria e Prática*, ver completo nas referências.

A crescente diversidade de documentos iconográficos presente nos arquivos de maneira geral e suas necessidades especiais de tratamento discutidas pelos profissionais da área da arquivologia, culminou na criação, em 2010, pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) da Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais (CTDAISM). Fato que atendeu a

Nota Técnica da Coordenação de Documentos Audiovisuais e Cartográficos do Arquivo Nacional, em agosto de 2009, com a finalidade de realizar estudos, propor normas e procedimentos no que se refere à terminologia, à organização, ao tratamento técnico, à guarda, à preservação, à destinação e a acesso de documentos imagéticos e sonoros, bem como orientar as instituições na elaboração de projetos que possam resultar em financiamento para a organização, preservação e acesso de seus acervos, assim como para a constituição e/ou modernização de instituições voltadas para a sua guarda, preservação e acesso (SIQUEIRA, 2016, p. 21)⁵

Vemos, portanto, que é recente no contexto brasileiro a reunião de especialistas numa entidade de classe, o CONARQ, voltados para pensar os documentos iconográficos e nos instrumentos que venham a subsidiar o trabalho dos profissionais arquivistas na gestão, organização e tratamento informacional dos mesmos. No entanto, cabe registrar que a referida câmara técnica vem se somar ao esforço já existente, de pesquisadores e profissionais de outras instituições, que tem elaborado ao longo dos anos, manuais, recomendações e orientações, tais como o Manual para Indexação de Documentos Iconográficos da Biblioteca Nacional, entre outras publicações que serão aqui referenciadas. Analisando a atuação do CONARQ vemos que a CTDAISM poderia desenvolver instrumentos para tratar a informação urbana com a Câmara Setorial sobre Arquivos de Arquitetura, Engenharia e Urbanismo⁶. Esta câmara setorial teria o objetivo

Realizar estudos, propor diretrizes e normas no que se refere à organização, à guarda, à preservação, à destinação e ao acesso de documentos integrantes de arquivos de arquitetura, engenharia e

⁵ Nesta referência há descrito todo histórico da criação do CTDAISM, bem como discute um pouco a sua atuação e os resultados. Um dos produtos de trabalho da câmara técnica foi a publicação de um glossário visando a criação de uma terminologia própria e padronizada para a área, sendo a sua terceira versão do ano de 2018, pois que a intenção é que ele seja constantemente atualizado.

⁶ Criada em 2006 pelo CONARQ atendendo a recomendação vinda do XVII Congresso de Arquitetos e do eixo temático de preservação e acesso a acervos de Arquitetura e Urbanismo

urbanismo (CONARQ Artigo 2º da Portaria nº 80 de 13 de junho de 2006).

No entanto em 2016 ao avaliarmos a atuação dessa câmara, o CONARQ transformou-a em um grupo de trabalho dentro da Câmara Técnica de Preservação, com a justificativa desta conter em seus membros engenheiros e arquitetos. Sem dúvida os produtos dessa câmara setorial seriam de suma importância na elaboração de instrumentos de trabalho, tais como criação de um vocabulário controlado. No entanto, percebemos com a leitura da Ata da Reunião, que a preocupação da Câmara Setorial sobre Arquivos de Arquitetura, Engenharia e Urbanismo foi com a construção de arquivos e gerenciamento de riscos dos acervos, mas não com o tratamento arquivístico dos documentos.

Esta atitude do CONARQ revela que a representação da informação na temática urbana saiu perdendo, uma vez que representar a informação é uma tarefa que já exige do profissional domínio de linguagem, conhecimento e prática, e que refina-se ainda mais para os documentos iconográficos, pois a informação neste caso está na forma imagética, fator que merece ainda mais atenção, uma vez que há de se traduzir para a forma escrita o conteúdo da imagem, sobretudo quando se tem a dimensão de que a representação da informação está dentro de um processo contínuo conforme destaca Albuquerque (2013, p. 293).

A representação informacional parte de uma prática e amplia essa prática já existente no processo de catalogação quando vai além apenas de uma prática, mas também procura organizar, recuperar e disseminar a informação que é representada.

Cabe aos arquivistas assim desenvolver competências na área da indexação com a elaboração de seus instrumentos de trabalho, conforme expõe-se a seguir.

3 A INDEXAÇÃO NOS ARQUIVOS

Sabemos que os acervos documentais presentes nos arquivos, passam pelas fases corrente, intermediária e permanente. Bellotto (2006), considera que a atividade de indexação deve ser realizada principalmente nos arquivos permanentes, na elaboração de instrumentos de pesquisas. Nesta última, dentre as várias funções que

o arquivista desempenha, está a elaboração de guias, inventários, catálogos e índices. Algumas experiências nesse sentido, são demonstradas por Fillipi, Lima e Carvalho (2002), no tocante a elaboração de um Catálogo e de Fichas Catalográficas de fotografias dizem os autores:

Pensando em uma ficha catalográfica abrangente, certas categorias de informações são imprescindíveis: dados de identificação do documento e de sua produção, dados técnicos relativos ao suporte, dados administrativos referentes à patrimonialização do documento, e, por fim, dados relativos à produção e à difusão do conhecimento envolvendo o documento em questão (FILIPPI; LIMA; CARVALHO 2002, p. 54)

Tais recomendações podem ser visualizadas no exemplo abaixo retirado da referida publicação.

Quadro 01: Exemplo indicado na publicação “Como tratar coleções de fotografias”

Com relação à Imagem 20, exemplo de informações que podem integrar o catálogo fotográfico:



Registro: 20133
Denominação: fotografia/negativo flexível
Legenda: Autoridades em visita ao trecho concluído da ferrovia
Autoria: Merrill, Diana B.
Data: 1909-1910
Material/Técnica: Acetato. Emulsão gelatina bromuro.
Coleção: Diana Merrill
Histórico: Os negativos (estimam-se 2.000 unidades) foram trazidos para São Paulo por Rodolfo Kesselring, engenheiro alemão que trabalhou na construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Em 1956, as imagens foram entregues pelo filho de Kesselring ao repórter fotográfico Ari André, que, por sua vez, as encaminhou ao jornalista Manoel Rodrigues Ferreira, ambos do Jornal A Gazeta.
Circulação: A imagem foi divulgada nas seguintes publicações: FERREIRA, Manoel Rodrigues. *A Ferrovia do Diabo. História de uma estrada de ferro na Amazônia*. São Paulo: Melhoramentos / Secretaria de Estado da Cultura, 1981. / KAARSBORG, Christian. *Dyæveitens Jernbaner. En Rejse i Amazonas Historie*. Copenhagen: Gyldendal, 1996. (caps.) / Museu da Imagem e do Som. *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré*. São Paulo: MIS, 1993. Catálogo de Exposição.
Referências no Acervo: Depoimento em fita K-7 de Manoel Rodrigues Ferreira
Descritores: Paisagem viária, vista parcial, diurna, floresta amazônica, via férrea, trem, grupo de homens, trabalhador, vagão-plataforma, Porto Velho: RO
Compilador/data: Regina Teles, 29/04/1999.

Fonte: FILIPPI; LIMA; CARVALHO (2002 p.69-70)

Dos campos acima, detalhados na publicação, interessa-nos conhecer o que dizem as autoras sobre os descritores e sua seleção, conforme destacamos abaixo:

A *descrição* pode ser substituída, com vantagens, por **descritores**. Os descritores identificam os motivos da imagem e formam um vocabulário controlado. Cada motivo, estando indexado, pode servir como opção de acesso à imagem. Assim, não se trata de substituir a imagem por uma outra linguagem, no caso a textual, mas de multiplicar as possibilidades de acesso a ela. Em algumas instituições, além dos *descritores*, o campo *descrição* é preenchido com um texto resumido do conteúdo visual na forma de uma legenda, que pode ser acionada rapidamente na elaboração de produtos culturais. (FILIPPI; LIMA; CARVALHO.2002, p. 58-61) (grifos dos autores)

Quando uma fotografia é descrita no nível do suporte, sem dúvida esta deve abarcar todos os elementos que a compõe enquanto documento, mas são os descritores que representam a informação, ou seja, o conteúdo constante na fotografia, que por exemplo, ajudam a definir o título/legenda para esta fotografia, como bem observam as autoras, o que geralmente os pesquisadores fazem nas suas publicações, tipo: *Trabalhadores sobre vagão na linha férrea Madeira Mamoré (Porto Velho-RO)*, poderia ter sido um título/legenda elaborada por algum pesquisador interessando na questão social dos trabalhadores ou história dos trabalhadores dessa linha férrea, por exemplo. Assim, são várias as informações visuais que se extraem da imagem fotográfica, a prática da indexação tem demonstrado isso. Ao trabalhar com fotografias de paisagens rurais, Capone e Cordeiro (2016) dizem:

Foi possível identificar os elementos que compõem a paisagem, suas formas naturais, modificadas e organizadas, bem como suas características intrínsecas. Tal concepção possibilitou levantar as principais categorias e subcategorias de análise que deveriam estar presentes na matriz a ser aplicada na averiguação documentária de fotografias para posterior recuperação (CAPONE; CORDEIRO 2016, p. 118).

Aqui o olhar parece ter ido além da fotografia, confirmando a dimensão expressiva de Smit (1997), que sem dúvida diz muito sobre a fotografia, principalmente no quesito da subjetividade da função que a gerou. Contudo, apesar desse aspecto ser importante na análise documentária, caberia verificar se de fato a dimensão expressiva se aplicaria na extração de termos descritores em todas as temáticas de fotografias⁷. Estas questões são importantes para o desenvolvimento da indexação de fotografias na arquivologia, principalmente as questões que surgem

⁷ Pretendo desenvolver um estudo mais aprofundado dessa questão em breve.

de pesquisas praticantes, tal como a que foi realizada recentemente com acervo fotográfico de um jornal, conforme aponta suas pesquisadoras:

O processo de representar tematicamente essas fotografias consiste em duas operações: (a) mental, decorrente da capacidade de relacionar a imagem ao conteúdo, ou seja, do assunto do documento, e (b) de caráter investigativo, devido ao lapso temporal entre o momento da produção do documento em si e a sua descrição. Quem ou o quê (pessoas, objeto, patrimônio arquitetônico ou paisagem fotografados), onde (local), quando (tempo), por quê (relevância da imagem justificando a sua existência) e por quem (autor da imagem e seus nexos com o jornal) são fundamentalmente essenciais nesse contexto (MAIA; FLÓR, 2018 p. 50)

As indicações acima estão perfeitamente corretas. De fato, todos estes aspectos precisam ser considerados na análise da fotografia a representar, no entanto, para as fotografias de paisagens urbanas vale lembrar que nem sempre serão evidentes algumas respostas, sendo necessário recorrer a outras fontes de informação sobre a mesma. De forma geral, vemos que o profissional arquivista, tem um vasto campo de trabalho a explorar, seja num arquivo corrente, intermediário ou permanente. Nesse sentido, alerta Bellotto que

[...] a função arquivística é hoje considerada um todo indivisível, ao contrário da conceituação obsoleta de tomar-se, de um lado, a administração de documentos e, de outro, o arranjo e a descrição de fundos como atividades estanques e desvinculadas uma da outra. Há toda uma gama de tarefas sucessivas que cabe ao arquivista desempenhar ao longo das três fases bem definidas: o controle dos arquivos em formação, a destinação e a custódia definitiva (BELLOTTO, 2006 p. 30)

É inegável que o arquivista precisa ter uma visão global do tratamento aplicado no acervo em cada uma de suas fases, e o que se faz numa fase, beneficiará a seguinte. No entanto é na fase permanente, como diz a mesma autora, que as tarefas de descrição se faz mais presente, uma vez que este tipo de acervo fica a serviço da pesquisa, e não mais aos interesses direto e diário da instituição que os gerou. Neste aspecto a tarefa da indexação deve ser uma competência a ser desenvolvida pelo arquivista que atuar em arquivos permanentes.

Ainda, de acordo com Bellotto (2006, p. 202-211)⁸ é no *catálogo* que geralmente se realizam a descrição unitária, ou seja, no nível da peça documental, do documento, comum principalmente na modalidade intitulada *catálogo por verbetes*. Neste, são descritos: o emissor, o cargo, o destinatário, a função/assunto do documento, a ação, as datas tópicas e cronológica⁹, sendo estas informações indicadoras para recuperação. No entanto, ao falar sobre a montagem dos catálogos, momento que se fará necessário elaborar índices de assuntos, nomes e lugares, a autora chama atenção para um aspecto importante:

A análise documentária para efeitos de captar conceitos e chegar aos descritores, isto é, palavras-chave que compõem os índices é hoje uma área de trabalho bastante especializada. Exige certo grau de conhecimento de linguística e de teoria das linguagens artificiais, campos para os quais o arquivista ainda não está preparado. Convém, portanto, que se recorra, para a indexação, à assessoria de bibliotecários documentalistas, já iniciados nas técnicas da documentação. Fora dessa prática, resultarão índices “amadorísticos” ou “selvagens” (BELLOTTO, 2006, p. 211-212)

Percebemos assim, que o tipo de descrição unitária geralmente se aplica a fotografias e vemos como correta a observação da autora, quando faz jus a competência dos bibliotecários no campo da indexação, a referida obra de Frederick Wilfrid Lancaster, ajuda a para compreender os caminhos da indexação.

4 A INDEXAÇÃO POR ASSUNTOS EM LANCASTER E NAS NORMAS ARQUIVÍSTICAS

No Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, indexação é definida como “processo pelo qual documentos ou informações são representados por termos, palavras-chave ou descritores, propiciando a recuperação da informação” (ARQUIVO NACIONAL, 2005. p. 107). A Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE),

⁸ Cabe lembrar que nesta publicação é voltada aos arquivos permanentes, e o foco é o documento textual, com poucas menções aos documentos iconográficos, e as fotografias normalmente atingem a fase da guarda permanente.

⁹ No livro *Arquivos Permanentes* da referida autora há vários exemplos. Indico um exemplo do Projeto Resgate: **1765, junho, 16, Paraíba** CARTA do [governador da Paraíba, brigadeiro] Jerónimo José de Melo e Castro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, reclamando da falta de mestres de gramática, tendo em vista a expulsão dos jesuítas. AHU-Paraíba, cx. 13.

indica que a indexação pode ser pré-coordenada, quando os termos são combinados previamente, em geral identificados como cabeçalhos de assunto; E pós-coordenada, quando os termos são combinados no momento da busca para filtragem da informação desejada, em geral chamados descritores. (BRASIL, 2006 ano, p.15).

Ao que parece concordar vários pesquisadores, a indexação por assuntos é a forma que mais se adequa a ser aplicada em fotografias. Nesse sentido as contribuições de Lancaster para a indexação são essenciais, apesar deste se referir aos documentos bibliográficos¹⁰. Assim, logo no início da obra o autor coloca fatores importantes sobre os princípios da indexação por assuntos conforme a seguir:

A indexação de assuntos e a redação de resumos são atividades intimamente relacionadas, pois ambas implicam a preparação de uma representação do conteúdo temático dos documentos. O resumidor redige uma descrição narrativa ou síntese do documento, e o indexador descreve o conteúdo ao empregar um ou vários termos de indexação, comumente selecionados de algum tipo de vocabulário controlado. (LANCASTER, 2004 p. 6)

Pontua o autor o conflito que se atribui entre essas duas atividades, mas chama atenção para os benefícios da sua combinação, pois que em um sistema de recuperação da informação, o resumo e os termos serão igualmente importantes para a localização da informação buscada. Nesse sentido, o texto de resumo pode ser utilizado

[...] no lugar de termos de indexação, permitindo o acesso aos itens, ou complementar os pontos de acesso proporcionados pelos termos de indexação. Em certa medida isso modifica a função do resumidor, que deve agora preocupar-se não só em redigir uma descrição clara e de boa qualidade do conteúdo do documento, mas também em criar um registro que seja uma representação eficaz para fins de recuperação[...]. Tal complementaridade, porém, deve ser inteiramente reconhecida e compreendida pelo usuário da base de dados. Do contrário, um conjunto de termos de indexação isolados daria um a imagem bastante equivocada do conteúdo de um item (LANCASTER, 2004 p. 7).

Tal indicação é passível de aplicação nos arquivos, uma vez que a ficha descritiva indicada na NOBRADE contém campos que pedem relatos sobre os

¹⁰ Há na publicação um capítulo sobre base de dados de imagens e sons, no qual ele trata sobre indexação por imagens por atribuídos de cor, forma e textura, não se adequando aos casos selecionados para análise, que se baseiam em indexação por palavras.

documentos, tais como na área de contextualização, âmbito e conteúdo por exemplo. Seguindo a partir deste entendimento, Lancaster (2004) discorre sobre as duas formas de indexação, a *seletiva* e a *exaustiva*. Usando um artigo como exemplo, o autor demonstra que a primeira é a mais simplificada pois faz uma “indicação geral daquilo de que trata o artigo” geralmente contendo em torno de cinco termos, e que a segunda é mais avançada, pois alarga para “o assunto específico de que trata o artigo, bem como possibilita muito mais pontos de acesso (LANCASTER, 2004, p. 8), a correlação destas indicações com as fotografias trabalhadas será explicitada mais à frente.

Ainda na visão de Lancaster (2004) as etapas da indexação são duas: a *análise conceitual* e a *tradução*. Com um objetivo similar ao da indexação seletiva, a *análise conceitual* na indexação por assuntos tem o objetivo de extrair do documento, obviamente, o assunto, essa análise conceitual é “normalmente feita visando atender as necessidades de uma determinada clientela”, ou seja, usuários específicos de alguma instituição ou tema da área¹¹. Assim, se centrada nos usuários e feita de forma voltada para a clientela da instituição diz o autor que:

[...] uma indexação de assuntos para ser eficiente implica que se tome uma decisão não somente quanto ao que é tratado num documento, mas também por que ele se reveste de provável interesse para determinado grupo de usuários [...] é preciso que os indexadores saibam muito mais do que os princípios da indexação. Devem em especial, estar inteiramente a par dos interesses da comunidade atendida e das necessidades de informação de seus membros” (LANCASTER, 2004. p. 9-12).

Tal acepção se aplicaria exatamente a clientela do arquivo do IPHAN por exemplo, que é um arquivo com uma temática fechada (bens culturais imateriais e edificados), cujos usuários são geralmente pesquisadores (estudantes e professores) da arquitetura, artes, história, sociologia e geografia. A segunda etapa de indexação por assuntos, a *tradução*, seria a conversão da análise conceitual em um conjunto de termos de indexação, e neste aspecto há também duas formas de procedimento indicadas por Lancaster, que é a *extração* e a *atribuição*, e ele coloca a distinção entre elas da seguinte forma:

¹¹ Lancaster ratifica que essa é a mesma posição de outros pesquisadores e cita Layne (2002), Shatford (1986) e Enser (1995).

Na indexação por extração, palavras ou expressões que realmente ocorrem no documento são selecionadas para representar seu conteúdo temático [...] A indexação por atribuição envolve a atribuição de termos ao documento a partir de uma fonte que não é o próprio documento [...] envolve o esforço de representar a substância da análise conceitual mediante o emprego de termos extraídos de alguma forma de vocabulário controlado". (LANCASTER, 2004, p. 18-19)

Vemos que as ponderações de Lancaster apresentadas se adequam perfeitamente a compreensão da indexação, mesmo se tratando de documentos textuais, mas é perfeitamente passível de aplicação em fotografias. Voltamos agora, aos domínios da arquivologia, no tocante aos documentos técnicos da área a NOBRADE¹² dispõe sobre a indexação colocando o seguinte:

A indexação dos assuntos deve contemplar **nomes de entidades, eventos, áreas geográficas, períodos e assuntos tópicos**. Os assuntos tópicos devem ser indexados de acordo com as necessidades, possibilidades e objetivos da entidade custodiadora, levando-se em consideração a metodologia e os resultados distintos obtidos pela indexação pré-ordenada, mais comum em sistemas manuais de recuperação de informação, e pela indexação pós-coordenada, mais comum em sistemas informatizados de recuperação de informação (BRASIL. 2006, p. 59) (**grifos nossos**)

Não resta dúvida de que a NOBRADE foi elaborada com bastante rigor, mas no que diz respeito a indexação, constatamos que há apenas breves orientações dos objetivos, das regras e dos procedimentos para criação de pontos de acesso e indexação de assuntos, e de forma geral a preocupação é a recuperação do conteúdo e da utilização de um vocabulário controlado. No entanto a norma alerta que a indexação

[...] exige estudo, definição e avaliação periódica por parte da entidade custodiadora quanto à política empreendida para recuperação sistêmica das informações e à política de indexação de assuntos. Além dos elementos de descrição obrigatórios, que constituem pontos de acesso naturais na descrição multinível, cabe à entidade custodiadora a identificação de outros pontos e a seleção dos

¹² Criada a partir da necessidade de adequação para o Brasil de normas internacionais, sobretudo da Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística - ISAD(G) do Conselho Internacional de Arquivos. Conforme consta na própria NOBRADE o elemento de descrição indexação, não consta na ISAD-G, por este motivo não nos aprofundaremos na mesma.

elementos de descrição que serão objeto de indexação (BRASIL, 2006, p. 59).

A NOBRADE deixa livre a entidade custodiadora para identificar outros pontos de acesso e a seleção de objetos de descrição que serão objeto da indexação. Neste sentido o arquivista deverá desenvolver a competência para elaborar os instrumentos de pesquisa voltados aos seus usuários, como seus próprios instrumentos de trabalho, por exemplo um vocabulário controlado na temática de seu acervo. Neste sentido Lancaster (2004, p. 19), alerta sobre a construção e o uso do vocabulário controlado dizendo que “o indexador somente pode atribuir a um documento termos que constroem da lista adotada pela instituição para a qual trabalha”, e este aspecto será abordado a seguir.

6 VOCABULÁRIO CONTROLADO E A TEMÁTICA DA ARQUITETURA E URBANISMO

Sobre a elaboração de vocabulário controlado, temos a publicação de Smit e Kobashi (2003), que apresentam os aspectos a serem observados na sua construção, e indicações importantes sobre o controle de uso dos vocábulos, ou seja, na adoção de um padrão para designação dos termos. Segundo os autores, é no arquivo corrente que esta ação deve se iniciar, quando da elaboração das tabelas de temporalidade, dos planos de classificação, das listas de assuntos para protocolos e na denominação de formulários, e que nos arquivos permanentes a preocupação dever ser ainda maior, pois

[...] a linguagem utilizada pelo pesquisador, que vem ao arquivo em busca de documentos, também representa uma diferença em relação à linguagem presente nos documentos [...]. A elaboração de índices (onomásticos, geográficos, de assuntos, etc.) em instrumentos de pesquisa pressupõe igualmente o controle de vocabulário (SMIT; KOBASHI, 2003, p. 15-16)

Os autores alertam também para as variáveis intervenientes existente na construção de vocabulário controlado (normalização gramatical, opções de grafia, sinonímia e quase-sinonímia, homonímia, termos compostos, notas de escopo, notas

de uso e a alteração de nomes de pessoas e topônimos), sendo esta última, bastante presente na temática urbana, chegam a indicar que

[...] no caso de lugares (cidades, bairros, ruas, praças, etc.), supõe-se sempre a possibilidade de resgatar o ato que determinou a mudança (decisão de Câmara, assembleia, etc.) e, nesse caso, recomenda-se explicitar tal informação (SMIT; KOBASHI, 2003, p. 24).

Outro fato apontado pelos autores, dentro desse mesmo aspecto, é a variável *homônimos*, no qual devem ser acrescentadas informações complementares, tipo: Direita, Rua (centro); Direita, Rua (Jardim Primavera). Estes aspectos são de suma importância a serem observados, pois o lapso temporal aqui é duplo, pois implica a mudança dos nomes dessas edificações e topônimos. É certo que as fotografias com foco sobre a cidade são evidentemente mais numerosas nos acervos de instituições que são responsáveis pela gestão urbana, tais como as prefeituras e institutos de proteção do patrimônio cultural, histórico, artístico e arquitetônico, mas elas podem ocorrer em acervos de vários arquivos.

Ao pesquisarmos os projetos que foram aqui apresentados, constatamos que cada vez mais as fotografias estão sendo digitalizadas e disponibilizadas para consulta em bases de dados na internet a pesquisadores especializados, bem como disseminadas nas redes sociais das instituições ou por particulares interessados na temática. Nesse sentido, diante da complexidade da fotografia de arquitetura e vistas urbanas para garantir o sucesso de sua recuperação, na representação da informação além dos conteúdos/assuntos, para a definição dos termos descritores para a indexação se faz de extrema necessidade o uso de vocabulário controlado¹³. Nessa esfera destacamos a publicação de Harpring (2016)¹⁴ que apresenta alguns tesouros das belas artes, da arquitetura e outras artes visuais. Mencionado os profissionais que trabalham com coleções de recursos visuais, diz que estes

[...] estão envolvidos na catalogação, classificação e **indexação de imagens**. Eles normalmente trabalham com slides, impressões

¹³ Cabe registrar que o Museu de Artes de São Paulo tem um vocabulário controlado de arte, e que o Museu Lasar Segall tem um Tesouro de fotografia, no entanto não consegui ter acesso aos mesmos.

¹⁴ *Introduction to Controlled Vocabularies: Terminology for Art, Architecture, and Other Cultural Works* de Patrícia Harpring, publicado pelo Getty Research Institute, em 2013 e traduzido/publicado no Brasil no ano de 2016, pela Secretaria de Cultura do Estado Pinacoteca de São Paulo, da coleção Gestão e Documentação de Acervos: Textos de Referência.

fotográficas e imagens digitais representando a arte, a arquitetura ou outros temas. [...] Como os usuários de coleções de recursos visuais precisarão recuperar imagens baseadas nas obras nelas representadas, **o profissional de recursos visuais** deve catalogar tanto o item em questão (slide, fotografia ou imagem digital) quanto a obra de arte ou o objeto cultural nele retratado (HARPRING, 2016, p. 28-29) (Grifos nossos)

A observação da autora revela a complexidade que é representar objetos imagéticos de arte e patrimônio cultural, trazemos essa mesma preocupação para temática da fotografia de arquitetura e vistas urbanas, pois que ela apresenta diversos elementos que compõem as obras construídas, fazendo com que o trabalho desses profissionais se torna ainda mais minucioso. É interessante notar que a publicação fala do *profissional de recursos visuais* e, pensando nas unidades de informação, este deve ser o bibliotecário, o arquivista e o museólogo, mas também poderia incluir fotógrafos, artistas visuais, arquitetos, historiadores e geógrafos, sendo ideal que estes profissionais façam parte da elaboração de vocabulário controlado. Assim, embora o escopo do livro não seja a temática das cidades, ele contempla as obras construídas que fazem parte dos objetos do patrimônio cultural.

Nesse sentido Harpring (2016, p. 38-39) chama a atenção para a forma de exibição da informação aos usuários, que deve contemplar as *nuances* e *ambiguidades*, e que aos profissionais cabem além de garantir a perfeita exibição, indexar para uma recuperação eficiente, de acordo com regras, terminologias controladas consistentes e bem definidas. Sobre a expressão das *nuances da informação* a autora relata que a maneira mais eficaz de as expressar é por meio do “uso de linguagem natural em um campo de exibição e a indexação da mesma informação separadamente, utilizando vocabulário controlado”. A citada publicação apresenta os seguintes tesouros: *Art & Architecture Thesaurus* (AAT) composto de 246.000 termos, o *Thesaurus of Geographic Names* (TGN) com 1.711.000¹⁵ e o *Cultural Objects Name Authority* (CONA). No ATT, as obras construídas, são contempladas na faceta “Objetos” que abrange

[...] coisas discretamente tangíveis e intangíveis ou visíveis que são inanimadas ou produzidas por esforço humano; isto é, objetos que

¹⁵ A grande quantidade desse último se dá por ter sua cobertura temporal desde a pré-história ao presente e Escopo global

são fabricados ou receberam a sua forma por atividade humana. Quando à forma física, elas variam de **obras construídas** até imagens ou documentos escritos. No que concerne ao propósito, eles variam de utilitário a estético. **Características de paisagens** que fornecem um contexto para o **meio ambiente construído** também estão incluídas. Exemplos são pinturas, ânforas, fachadas, **catedrais**, cadeiras *Brewster* e **jardim**. (HARPRING, 2016, p.68) (grifos nossos)

Curiosamente percebemos que o TGN, que é uma base de dados hierárquica que tem os “lugares” como foco, apesar de sua grande dimensão, as obras construídas estão fora do seu escopo. Seus elaboradores inseriram apenas as de grande importância de origem no fazer humano tipo Pirâmides do Egito e Muralha da China, e contempla ocasionalmente denominação de edificação (casa, edifício, shopping centers, castelo).

O CONA é uma base de dados hierárquica estruturada como Autoridade e está relacionada com o ATT e com o TGN, é aberto a contribuições e está disponível *on-line*. Seu público alvo são comunidades acadêmicas, de recursos visuais e museus, e se constitui uma base hierárquica com nomes, títulos e outras informações sobre obras de arte. No seu escopo inclui as obras construídas, também no sentido de suas estruturas e partes, compreendendo-as como manifestação do ambiente construído, de valor estético, e os profissionais incluídos na sua feitura e registro. Assim, num registro de uma fotografia no CONA, o arquiteto, o fotógrafo e o bem fotografado estaria dentro do escopo.

Constatamos assim que a referida publicação compreende a indexação como um processo de avaliação da informação para designar termos por meio de um vocabulário controlado, visando o usuário encontrar e acessar o registro da obra cultural. A existência desses Vocabulários mostra que a indexação de documentos fotográficos tem sido uma ação de grande relevância nas instituições.

No Brasil, antes da publicação da NOBRADE (2006), profissionais de instituições preocupados com o tratamento técnico de fotografias, publicaram o “Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos” elaborado por uma equipe multidisciplinar por várias instituições vinculadas ao Ministério da Cultura, dentre elas a Biblioteca Nacional¹⁶. Esta publicação, de inestimável valor, orienta os profissionais

¹⁶ Publicado em 1996 pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE)

para a descrição das fotografias de forma genérica, mas não deixa de abordar recuperação da informação por meio da indexação.

Nela, a temática urbana é contemplada nos assuntos “lugares” e “localidades geográficas”, a publicação indica o cuidado com homônimos e até a posição e uso parênteses, vírgulas, como por exemplo: Copacabana (Rio de Janeiro, RJ). Orienta também o indexador para considerar os nomes de rios, ilhas, parques, monumentos, ruas, estradas, termos estes que estão presentes em vocabulário para as fotografias urbanas.

A outra publicação, que veio na sequência dos trabalhos que deu origem ao manual supracitado, é o “Manual para Indexação de Documentos Fotográficos” (1998) da Biblioteca Nacional. Conforme frisa seus organizadores, o manual, não se propõe a ensinar indexação, mas a orientar sua aplicação na imagem fotográfica, assim como também destaca que os critérios para indexação são diferentes para cada instituição, pois que as fotografias são únicas e apresenta assuntos diversos.

Portanto, o objetivo deste manual é direcionar a visão do indexador para o ponto de vista da instituição, que se baseia no tipo de acervo que possui, no tipo de usuário diversificado que atende e nas suas características de biblioteca nacional (ALVES, *et al*, 1998 p. 7).

O interessante dessa publicação é que ela exemplifica algumas de suas orientações com imagens urbanas e de arquitetura, com fotografias do século XIX, do Brasil e de outros países, da Coleção D. Thereza Christina Maria, doadas por D. Pedro II. Explicam os autores, que para realizar a indexação no Banco de Dados da instituição, partiram das informações registradas na ficha de identificação da fotografia, e extraíam-se os assuntos principais do resumo e título da imagem, de forma a determinar um “assunto geral” relacionado aos lugares, acidentes geográficos, entidades, eventos e edifícios entre outros (ALVES, 1998, p. 18).

Os descritores selecionados eram também usados no campo “Resumo” da Base de Dados, uma prática comum e muito utilizada, por permitir ampla recuperação, pois o sistema faz a busca no todo e não apenas em campos padronizados, esta foi uma estratégia usada na Rede de Arquivos do IPHAN. A saída é interessante, mas pode também dificultar a recuperação, principalmente se não tiverem descritores bem identificados e caso não se possibilite uso de filtros (ALVES, 1998, p. 22). Nesse

sentido apresentamos algumas ações de difusão de fotografia que tem a cidade e seus elementos como foco na *web* nos quais verificamos como os termos descritores são pensados para a representação.

7 OS PROJETOS: ARQUIGRAFIA (FAU-USP) DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA (AHSP) E REDE ARQUIVOS (IPHAN-PB)

O projeto Arquigrafia, criado em 2008, é um projeto multidisciplinar feito em parceria com outros centros da USP e tem o objetivo de difundir a cultura arquitetônica e urbanística brasileira. Pensado inicialmente para disponibilizar o acervo da biblioteca da FAU-USP, tendo sido inserido e descrito o acervo da Seção de Material Iconográfico da mesma, passou em 2011 a ser colaborativo, ou seja, possibilitando a inserção de imagens inseridas pelos usuários. Para a representação descritiva e temática das fotografias, o projeto Arquigrafia adotou as normas do *Anglo-American cataloguing rules 2*¹⁷, principalmente nos metadados descritivos. Como explica os participantes do projeto, os metadados temáticos “assunto” e “descrição da imagem” seguiram a política de indexação estabelecida pela biblioteca, com o uso do Vocabulário controlado do SIBi/USP, somados de algumas *tags*.

Figura 01 Imagem do Projeto Arquigrafia



Fonte: Página do projeto Arquigrafia - <http://www.arquigrafia.org.br/home>. (2018)

¹⁷ Código de Catalogação Anglo Americano, voltado a representação de acervos fotográficos para bibliotecas.

Na imagem acima (Figura 01) visualizamos um exemplo de descrição e apresentação de uma fotografia. Podemos observar que os metadados “tags materiais”, “tags elementos” e “tags tipologia”, são específicas da área de arquitetura, sugerem que se indiquem os materiais do sistema construtivo, elementos e tipologia arquitetônica. Conforme explicam os autores e integrantes do projeto, essas tags foram incluídas “a partir da demanda dos pesquisadores e especialistas em arquitetura, envolvidos na criação desse ambiente colaborativo” (ROZESTRATTEM, et al, 2015, p. 205). Atualmente o projeto tem um total de 12.593 fotografias descritas, provenientes do acervo da Biblioteca da FAU e da inserção de imagens pelos usuários.

O projeto Descrição Arquivística do Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP), foi desenvolvido para dar apoio ao trabalho de seus técnicos. Este arquivo é responsável pela guarda documentação gerada pela municipalidade sobre a memória da gestão urbana da cidade e a partir do trabalho e um GT elaborou um Tesouro e um Vocabulário Controlado para a descrição das cinco mil fotografias o acervo. Dentre os assuntos mais representativos do Tesouro, para a temática aqui tratada, está “Arquitetura” e “Infraestrutura urbana”.

Figura 02: Arquivo Histórico de São Paulo

Data	Classificação	Autoria	Número
1930-09-06	PMSP-DCV-OPU-RF	Desconhecida	0148
Localização Lapa			
Identificação Cornéia, praça - obras de pavimentação da praça. Em primeiro plano, trecho da rua Clélia; ao fundo, à esquerda Igreja de São João Maria Vianney			
Procedência PMSP			
Assunto Obras Públicas - Abertura e reforma de vias públicas. Vias públicas: pavimentação Religião - instalações; igrejas Transportes automotivos - veículos; automóveis / Antropologia: casas			
Descrição Técnica Cromia: P&B Categoria: Vista Tipo: positivo - P&B			
		Formato: 180 X 240 mm Campo: Horizontal Ambiente: Externo Enquadramento: Plano Geral	

[nova busca](#)

Fonte: Página do AHSP - <http://www.arquiamigos.org.br/foto/index-campos.php> (2018)

O exemplo acima (Figura 02) mostra os termos do vocabulário controlado elaborado pela instituição no campo “Assunto”. Apesar de extenso, o tesouro do AHSP tem espaço para inclusão de outros termos específicos mais representativos. O tesouro da AHSP está disponível *on-line* bem como o acesso as fotografias descritas por meio de dois sites, e evidentemente abarcou termos da área da arquitetura e urbanismo.

O projeto Rede de Arquivos (IPHAN) foi realizado no arquivo do Rio de Janeiro e em Brasília, e em mais quatro Superintendências Estaduais, Paraná (Sul), Paraíba (Nordeste), Pará (Norte) e Goiás (Centro-Oeste), foi concebido no intuito de integrar a documentação histórica e técnica custodiada nas diversas unidades da instituição, a fim de promover e subsidiar a pesquisa externa e o próprio trabalho do corpo técnico (no caso dos arquitetos, historiadores e antropólogos que executam as ações de preservação do Patrimônio Cultural).

Figura 3: Rede de Arquivos do IPHAN



Fonte: Página da Rede de Arquivos - <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui>. (2017)

Neste projeto não foi indicado o uso de um vocabulário controlado na área e a política de indexação restringiu a extração de seis termos. No caso das fotografias, os termos descritores foram pensados a partir das referências de busca dadas pelos usuários internos e externos, que geralmente usam o nome do bem/edificação. O ordenamento dos termos foi feito por assunto temático da fotografia, definidos de acordo com as ações provindas das atividades fins da instituição (Intervenção/Obras; Promoção; Identificação; Fiscalização e Tombamento). Outros termos descritores

baseavam-se nas informações de localidade, ou seja, nos bairros e logradouros da cidade e por alguns elementos arquitetônicos (fachadas, janelas, portas, gradil, etc) e nos produtores dos documentos.

8 ANÁLISES E RESULTADOS

Após discorrermos sobre a tarefa da indexação e compreendermos seus princípios, chega o momento de analisarmos os projetos selecionados. Em termos da criação dos campos descritivos na interface para o usuário, o projeto Arquigrafia, por se tratar de um acervo de uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo criou campos específicos para o **Autor do projeto Arquitetônico** e a **Data da conclusão da obra**, e do **Autor da fotografia**, bem como também uso de termos da especializados da área (fachada, concreto aparente, etc). Contudo, apesar de fazer uso do vocabulário controlado da biblioteca de uma faculdade de arquitetura, não se registrou o estilo arquitetônico, que no caso é o *Art Decó* e as especificações técnicas da fotografia. Seu ponto forte, no entanto, foi fazer uso da *folksonomia* dando aos usuários a possibilidade de indicar as *tags*, e nesse caso percebemos que ocorreram a linguagem natural e também da literatura técnica da área. O uso desta ferramenta se aplica perfeitamente a fotografias antigas que necessitam do conhecimento da memória de seus antigos moradores e de memorialistas urbanos.

No caso da fotografia do AHSP, os campos descritivos são mais abrangentes, contendo códigos de **Classificação**, incluindo até na **Descrição técnica** da fotografia o item para **Enquadramento**, **Campo** e **Categoria** (vista). No campo **Identificação** há uma descrição da fotografia e no campo **Assuntos** são inseridos os termos descritores. É curioso notar que, apesar de adequados, se fez uso de um termo que consideramos sem grande relevância representativa para a imagem dessa fotografia (Antropologia: casais). Pensamos que um usuário que esteja pesquisando este termo, estaria procurando imagens mais representativas que essa, em todo caso, esse termo estaria correto se a fotografia faz parte de uma Série de documentos da antropologia. Ainda sobre o AHSP, verificamos que a estrutura do tesauro elaborado pela equipe, no assunto “**Arquitetura Religiosa**” há as “**Dependências do edifício**”, mas que constam apenas dois termos (púlpitos e sacristia). Sabemos, portanto, que as igrejas,

principalmente as coloniais, contêm outras dependências como nave, claustro, galilé, coro, altar, entre outros.

O caso do IPHAN percebemos certa incoerência nos campos descritivos, cabe registrar que isso aconteceu a pedido da equipe de TI do projeto, mas as fichas descritivas impressas, que subsidiaram a inserção das informações na Base de Dados foram feitas dentro de normas arquivistas. A primeira incoerência é o **Autor**, se referindo ao produtor do documento, que não deveria ser o sempre considerado o IPHAN, apesar de ser produtor de alguns documentos, mas não todos eles. No caso do item **Assuntos**, vemos que este não se refere aos descritores, e sim a atividade-meio da instituição que gerou o documento (no exemplo a fotografia foi produzida dentro de uma ação de fiscalização). O campo **Resumo**, contém a descrição da imagem (algumas vezes simplificada, e em outras mais elaboradas a depender do conhecimento do conteúdo da fotografia pelo indexador) e a **Descrição do Documento** diz respeito a descrição técnica da fotografia. Os descritores estão no campo **Palavras-Chaves** e neste caso, foi orientado que se colocassem ali todos os demais assuntos: nomes de instituições geradoras dos documentos, de autor da fotografia, lugares e topônimos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicitado, nesta pesquisa tratamos da representação da informação de fotografia de vistas urbanas e de arquitetura. Consideramos esse tipo de fotografia com grande potencial informativo, pelo fato de tratar-se de um objeto (cidade) que sintetiza milhares de informações, carregadas de memórias e histórias. Sendo assim, as fotografias urbanas são compostas por uma grande quantidade de elementos o que torna difícil a tarefa de selecionar os termos descritivos mais adequados para a sua indexação, e conseqüentemente possibilitar a rápida recuperação da informação.

A partir das considerações de Lancaster vimos como é importante, e se adequa as fotografias, a seleção exaustiva, a redação de resumos, o interesse dos usuários e a atribuição de termos a partir de fontes externas ao documento. Como vimos, a preocupação com elaboração de vocabulário para área de artes, arquitetura e urbanismo começa a despertar os pesquisadores e já contam com algumas

publicações e orientações nesse sentido. Contudo, para os casos aqui ilustrados, verificamos que os vocabulários controlados existentes, ainda não são totalmente aplicados pelos profissionais que tratam de acervos deste tipo, principalmente quando muitos deles não são formados nas áreas da Arquivologia e Biblioteconomia.

Vimos que os procedimentos de indexação indicados pela NOBRADE são insuficientes quanto a descrição de gênero iconográfico. Diante disso é oportuno que os catalogadores de informação façam uso de múltiplos vocabulários, pois que nenhum instrumento sozinho é capaz de fornecer o conjunto inteiro de terminologia necessário para catalogar e indexar imagens de complexidade, como são as de cidade.

O caso do IPHAN, experiência que deu origem a esta pesquisa, constatamos que o problema do não uso um vocabulário controlado para a seleção de termos descritores e as limitações impostas na política de indexação seletiva, agravam problemas que se apresentam, não só no arquivo físico (como localização e arranjo), mas também no acervo *on-line*. A deficiência na recuperação da informação, no que diz respeito a fotografias, só não é maior porque na base de dados, devido ao campo do Resumo, que foi programado para também recuperar a informação.

Por se tratar de uma instituição cuja atividade fim é a preservação de bens culturais edificados, há nos usuários internos a necessidade constante de consultar as fotografias, pois que elas subsidiam os pareceres elaborados para intervenção arquitetônica nas edificações, tanto de particulares como para própria instituição, que realizará a ação de conservação e restauro. São as fotografias que permitem a visualização de detalhes construtivos, dos ornamentos e outros aspectos, pois que a preocupação numa intervenção é a de garantir a autenticidade e integridade dos estilos arquitetônicos. Assim, como a política de indexação, não indicou um vocabulário controlado, ela foi realizada por atribuição, a partir de conhecimentos da cidade pelos integrantes da equipe e percebemos que esse trabalho, necessita ser revisado levando em consideração o interesse dos usuários, que geralmente são da área da arquitetura.

Compreendemos que nos exemplos indicados bastaria tentar responder as perguntas: o que a fotografia mostra? Quais termos seriam usados pelos usuários se estivesse procurando uma fotografia como essa? Ao profissional responsável pela ação de indexação (seja ele um arquivista, um historiador, um museólogo ou

bibliotecário, um arquiteto), caberia responder a estas perguntas, o que se configura também como um excelente exercício, um ponto de partida para a indexação.

Assim, o aprendizado que ficamos é que a representação da informação mais detalhada, é de suma importância para as fotografias urbanas, pois como um usuário localizará, por exemplo, a fotografia de uma área da cidade, que contém um casario com estilo de arquitetura eclético, se não for usado este termo nos descritores? Como saber por exemplo, que o frontão do Colégio das Neves foi registrado com um parque de diversão da festa da padroeira da cidade, se não considerar o cotidiano da cidade e colocar o nome dessa festa?

Outro fator imprescindível diante da falta de um Vocabulário Controlado, ou no desconhecimento da existência de Tesouros nesse sentido, é montar uma equipe multidisciplinar com a participação não só de bibliotecários e arquivistas, mas de arquitetos, urbanistas, geógrafos, historiadores e fotógrafos, entre outros que se debruçam na temática urbana.

Nesse sentido, é na formação, ou seja, nos cursos de graduação, que se faz necessário focar nas disciplinas do campo da organização e tratamento da informação e conhecimento, especialmente aquelas disciplinas que tem como conteúdo as linguagens documentárias, como a disciplina representação temática/assuntos, no qual a indexação é um dos conteúdos abordados.

REFERÊNCIAS

ACERVO FOTOGRÁFICO do Arquivo Histórico de São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/foto/>> Acesso em: 30/06/2018

ALQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar C. de; NEVES, A representação da Informação no acervo imagético das comunidades do Vale do Gramame-PB. In: ALQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de et al. **Representação da Informação: Um universo multifacetado**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 289-307.

ALVES, M. Carneiro; VALE´RIOS, S. A.; PIGOZZO, Graziella de castro. Manual para indexação de documentos fotográficos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento de Processos Técnicos, 1998. 84 p. (Documentos técnicos; 4)

ARQUIGRAFIA. Disponível em: < <http://www.arquigrafia.org.br/home>> Acesso em: 20/07/2018

ARQUIVO NACIONAL (Brasil) Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.

CONARQ, Ata da 84ª Reunião Plenária Ordinária de 09 de março de 2016. Rio de Janeiro.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. 124p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: Tratamento documental.** São Paulo: Editora FGV, 2006. 320 p.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Manual para indexação de documentos fotográficos:** versão preliminar. Rio de Janeiro: 1996.

CAPONE, Vera Lucia Punzi Barcelos; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Análise e indexação da paisagem: o Arquivo Fotográfico Ilustrativo dos Trabalhos Geográficos de Campo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 115-127, Abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862016000100115&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Set 2019.

DE MONDENARD, Anne; Tradução Eveline Bouteiller Kavakama. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: Fotografias Urbanas de 1870 a 1918. *In Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 18, ago. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10981/8101>>. Acesso em: 30 Ago. 2019.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografias.** São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 100 p. – (Projeto como fazer, 4)

FUNARTE; FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Manual para catalogação de documentos fotográficos:** versão preliminar. Rio de Janeiro: FUNARTE; FBN, 1993.

GATTO, Ana Clara. Análise documental de imagem: uma leitura das contribuições semióticas. *In Revista Digital de Biblioteconomia Ciência da Informação*. Campinas, SP v.16 n.1 p. 39-55 jan./abr. 2018

HARPRING, Patrícia. Tradutor Christina Maria Müller. **Introdução aos Vocabulários Controlados:** Terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais. São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado: Pinacoteca de São Paulo: ACAM Portinari, 2016. 288 p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2014. Ateliê Editorial. São Paulo.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília, DF: Brique de Lemos, 2004.

MAIA, Manuela E.; FLÔR, Ana Cristina C. A representação da informação do Arquivo Fotográfico do Jornal A União: proposta de descrição. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2018

MALVERDES, A.; LOPEZ, A. A fotografia e seus tentáculos: interpretações possíveis no universo dos arquivos. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 8, n. 1, p. 24-45, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/103427>> Acesso em: 13/08/2019

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. **Métodos Qualitativos e Quantitativos**: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

REDE DE ARQUIVOS DO IPHAN. Disponível em: <<http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/>>. Acesso em: 25/05/2017.

ROZESTRATHEM, A.S. et al. Reflexões sobre patrimônio digital a partir da experiência do projeto Arquivografia. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 197-207, maio 2015, <<http://www.ibict.br/liinc> doi: <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.772>> acesso em 20/06/2018

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, P. B. **Tipos de Pesquisa**: Metodologia da Pesquisa. 3ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006. p. 96-115

SEVAROLLI, I; Mendes, R. Vocabulário controlado para acervos fotográficos: iniciativa e desenvolvimento no Arquivo Histórico de São Paulo. **Revista CPC**, (17), 2013. 67-93. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i17p67-93>

SILVA, Sonia Maria Ferreira da; DUARTE, Zeny. Fotografia em Unidades de Informação: Valor informativo e Permanente. in **Ponto de Acesso**, Salvador, v.10, n.3, p.147-159, dez. 2016

SIQUEIRA, M. N. BLANCO, Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais. in **Ampliando a discussão em torno de documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e Musicais**. BLANCO, P.S. et all (Organizadores). Salvador: EDUFBA, 2016.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2 p. 28-36, jul/dez. 1997.

/SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2003.

TESAURO ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO PAULO. Descrição Arquivística.
<<http://www.arquiamigos.org.br/thesaurus.htm>> Acesso em: 30/06/2018